cia
ENSAIO
aberto

companheiros

Há verdades tão evidentes que já é inútil discutí-las.
É preciso ser marxista com a mesma naturalidade
com que se tornou newtoniano ou pasteuriano em biologia.

Che Guevara



a esquerda, deve haver uma esquerda...

A direita tradicional é a mesma desde tempos imemoriais: a favor do mercado e contra as regulações; adepta da ditadura diante dos riscos da democracia; hierárquica e conservadora frente às mudanças sociais. No Brasil, há nomes que a representam, mas sobretudo posturas: estiveram com a ditadura, sempre ao lado do grande capital, pelo alinhamento automático com os EUA - que consideram o grande modelo de sociedade e de cultura a seguir. Odeiam sindicatos, desconfiam de intelectuais e da cultura, preferem a São Paulo dos bancos à dos movimentos sociais e da cidadania, desprezam o Rio como cidade "decadente e imoral", priorizam a ordem sobre o progresso. Seus heróis são Reagan, Thatcher, Pinochet (embora agora não seja de bom alvitre confessá-lo).

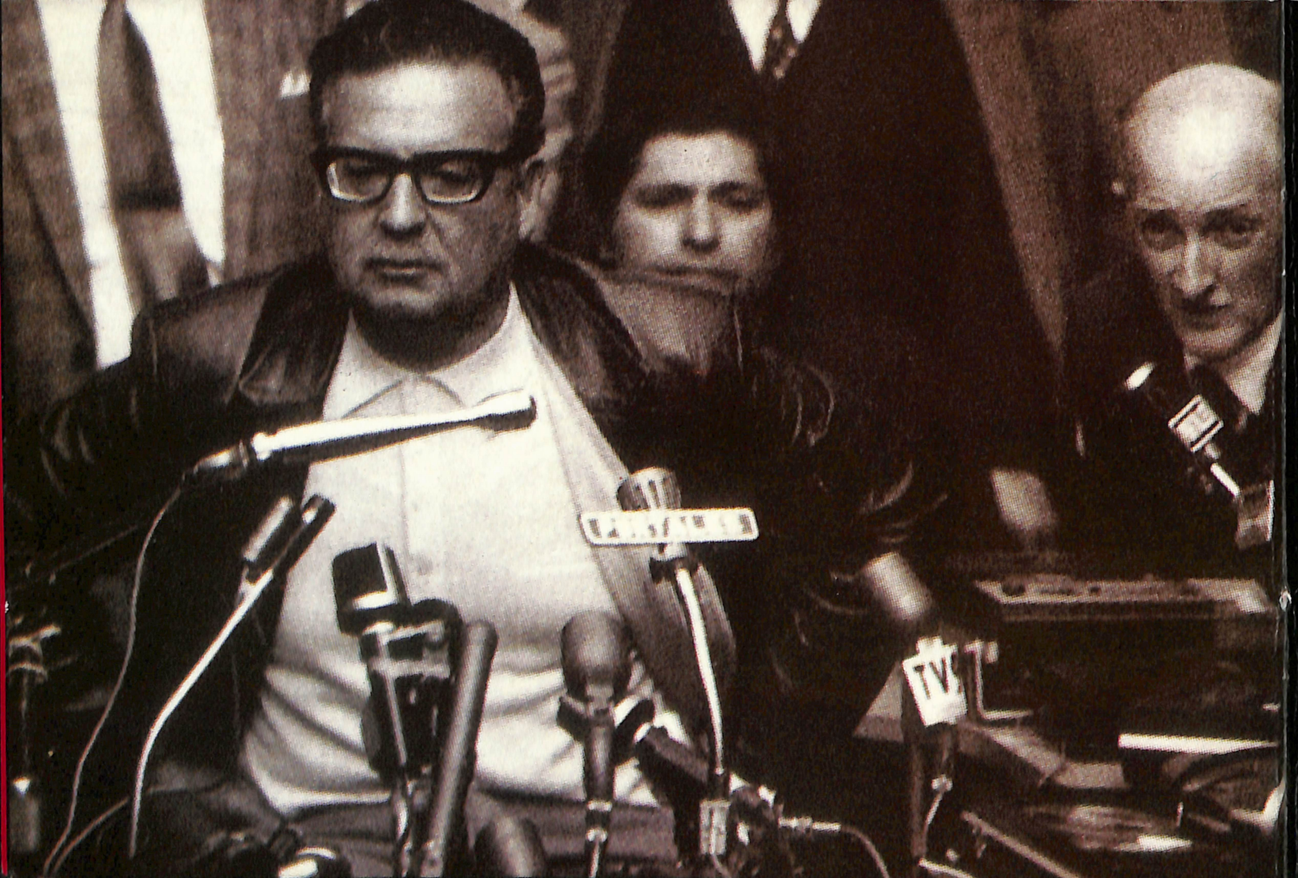
A nova direita se originou no centro ou na esquerda. Ficou órfã do Estado e se deixou prazerosamente adotar pelo mercado. É uma direita "nouveau riche", uma direita emergente. Descobriu o liberalismo econômico um pouco tarde e se entrega a ele sem recato. Critica a esquerda, os sindicatos, os movimentos sociais, como álibi para explicar suas mudanças.

E a esquerda? Esquerda sempre rimou com democracia política, social e cultural. A esquerda herdou do getulismo a identificação com os trabalhadores, incorpora da intelectualidade crítica seu radicalismo desmistificador das "verdades" fabricadas e propaladas pelo monopólio dos meios de comunicação, faz suas reivindicações das chamadas "minorias políticas" - maiorias despojadas de direitos, como as mulheres, os negros, os povos indígenas, os homossexuais, os deficientes físicos, as crianças e jovens abandonados. Ou é isso, ou não é esquerda.

Onde está a esquerda hoje no Brasil? Há uma esquerda social, que resiste como pode, nos sindicatos, nos movimentos sociais, nas atividades culturais e intelectuais. Mas que fica relegada à defensiva, pela falta de um norte estratégico que a leve a atuar mais além da justa e necessária resistência às ofensivas dos governos neoliberais e da sua máquina midiática. Diferenciado fica o MST, que não aceita ser apenas um movimento social, nem um outro partido político, sem compromisso com a institucionalidade, por isso, é a única força que manteve a capacidade de iniciativa e aumentou sua representatividade. Onde está a esquerda política, aquela que deve pensar estrategicamente os rumos do país? Aquela que deve elevar os problemas cotidianos em termos de políticas de governo, de Estado, de poder? Aquela que deve dialogar incessantemente com a intelectualidade e o mundo cultural em geral, para propor-lhes horizontes e, ao mesmo tempo, receber o impacto de sua criatividade? Onde está a esquerda política e cultural, que promova os debates e as mobilizações que pensem um Brasil alternativo a este presente e a este futuro miseráveis a que nos relegam o miserabilismo economista de curto prazo das tecnocracias ligadas ao capital especulativo internacional e seus arautos governamentais?

Conversando com Itamar para coordenar uma frente de governadores para resistir ao sufoco fiscal que o Governo Federal acertou com o FMI, e do qual quer passar a conta aos governos estaduais e, através deles, ao povo, pelos cortes nas funções sociais do Estado? No apoio às greves de resistência ao desemprego? Nas denúncias do fracasso da política econômica de FH?





Tudo bem, deve estar aí, só que essas mesmas atividades só têm sentido se estiverem inseridas num projeto estratégico. Por exemplo: os trabalhadores devem ser contra ou a favor da indexação salarial? Reivindicação social mais do que justa, afinal não são os salários que desataram a lata dos preços. Porém, se a esquerda nesse plano, sem propor um combate alternativo à inflação, que puna os que efetivamente a promovem - olhemos só para os lucros estratosféricos que os bancos continuam a auferir, quando a maioria esmagadora das pessoas empobrece! - estará deixando o tema nas mãos do Governo, que manterá sua iniciativa, aquela que o fez ganhar duas eleições.

Outro exemplo: é justo financiar a diminuição menor do desemprego na indústria automobilística com isenção de impostos que poderiam estar sendo dedicados a políticas sociais, para renovar a frota automobilística, uma medida que aumenta a poluição e o engarrafamento urbanos? Tudo depende de uma proposta global para a questão dos empregos, que não seja apenas setorial, que não beneficie a alguns em detrimento de outros. Em suma, depende de uma esquerda política, já que a função dos líderes sindicais é defender sua categoria.

Reforma do Estado? Um tema central para a esquerda, que quer radicalizar a democracia, tornar o Estado transparente e controlado pela sociedade, que quer estender os direitos sociais a todos, que deseja um serviço público de qualidade, a universalização da educação e da saúde gratuitas. Onde está a esquerda nesse tema, que o Governo FH reduziu a um tema não de democracia - tema distante dos anos 80, se lembram? - mas de ajuste fiscal, de economizar dinheiro para pagar o capital especulativo às custas dos direitos sociais dos mais pobres?

A esfera pública, a socialização da política e do poder, o controle da sociedade sobre o Estado, a democratização das carreiras do funcionalismo são metas que a esquerda tem que transformar em iniciativas concretas, como a da redução da jornada de trabalho como forma de combate ao desemprego, assim como a formação de cooperativas para todos os trabalhadores autônomos, para que ninguém fique isolado, desvalido, diante das ofensivas do Governo e do grande capital especulativo.

A esquerda pode partir de algumas referências concretas, conquistas da democracia e da construção de uma esfera pública: a política do orçamento participativo; os acampamentos dos sem-terra; a TV Cultura. São iniciativas vitoriosas, na contramão da mercantilização da vida, em três temas essenciais: a transparência e o controle sobre o Estado, a reconstrução do tecido social e a democratização dos meios de comunicação.

Mas a ausência de uma postura audaz, criativa, que seja capaz de convocar o que de melhor as lutas sociais, políticas e culturais o Brasil gerou ao longo do tempo, é o dado mais grave da crise atual do país, no momento em que o nosso futuro está sendo comprometido pelo Governo atual. O impulso histórico original da esquerda, nascida no final da ditadura militar, parece haver-se esgotado, sem que ela mesma tome consciência disso - sintoma desse mesmo esgotamento. Sem uma esquerda forte, com capacidade de iniciativa e de convocação, o Brasil não sairá da sua crise atual ou - pior - sairá dela como um país mais pobre e miserável, material e espiritualmente.

Emir Sader - O Globo (31 de março de 1999)

Nossa legitimidade não foi conquistada com armas;
nós a conseguimos com muitos anos de trabalho político
com as comunidades indígenas e com o diálogo.

subcomandante Marcos





Pátria livre venceremos

"Pátria livre!". "Venceremos!". Exortações como estas é que haviam levado o camelô Antônio Costa, 56 anos, a seguir a marcha. Ele tinha ido ao ponto de partida da marcha, no Maracanãzinho, com o carrinho cheio de bebidas e, como não vendeu tudo, resolveu acompanhar o pessoal até esgotar o estoque do carrinho. Chegou até Duque de Caxias. Resolveu fazer uma nova rodada. Simpatizou com as pessoas. Na subida da serra do Rio de Janeiro, um marchante saiu da fila e o ajudou a empurrar o carrinho. Mais tarde, em Santos Dumont, o líder José Rainha seria chamado ao microfone durante uma assembléia da marcha. Quando ouviu o nome, Antônio pensou: "esse é aquele cara que até fizeram uma novela sobre ele". Resolveu dar uma olhada na cara do sujeito. Quando chegou perto, viu que era o homem que tinha ajudado a empurrar o carrinho. "Ele já tem a terra dele, é famoso, mas está aí, junto com o povo", pensou "ah, eu vou até Brasília com eles, ver no que vai dar". Capixaba da cidade de Alegre, Antônio agora pensa em se juntar ao MST na região do pantanal. Quando pergunto a razão, ele responde: "tudo que eu encontrei aqui eu já não tinha mais. A educação, a convivência, a honestidade, a simplicidade, o futuro, a vontade de viver. Não tinha mais esperança. Agora, estou até pensando em namorar."

Trecho da reportagem de Cláudia Ferreira, da revista Caros Amigos, sobre a marcha do MST. Novembro de 1999.



"O Estado do Pará ocupa o primeiro lugar em assassinatos de trabalhadores rurais.

Os dados indicam que, de 1979 a 1998, aproximadamente 1.474 trabalhadores rurais foram assassinados, destes casos 50 foram levados a julgamento e em apenas 7 desses julgamentos houve a condenação dos responsáveis. Aproximadamente 15% das mortes ocorreram em situações classificadas como massacres ou chacinas (quando em um único evento morrem mais de 3 pessoas). Destaca-se ainda que a partir de 1993 as chacinas apresentam uma tendência de crescimento, verificando-se a participação regular de policiais militares em todos os casos, do homicídio à perseguição, sempre dirigida contra os líderes dos camponeses, sindicalistas, padres e religiosos. A perseguição é praticada por pistoleiros, em geral integrantes da Polícia Militar ou colaboradores da corporação."

"Segundo a Anistia Internacional, dos 200 casos de assassinatos associados a conflito de terra ocorrido no Pará entre 1986 e 96, apenas três chegaram a ser julgados. Ainda segundo a Anistia Internacional, nenhum dos condenados encontra-se preso; todos estão foragidos.

A impunidade é a regra nos conflitos fundiários.

O processo, quando envolve policiais militares, depende da justiça Militar. As provas rapidamente são ocultadas, as buscas de provas emperradas e os processos podem durar anos e os culpados desaparecem."

O massacre de Eldorado dos Carajás, Caderno de formação 32
Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/ MST



"Obviamente, o mundo é desigual. Há quem nasce inteligente e há quem nasce burro. Há quem nasce atleta e há quem nasce aleijado. O mundo se compõe de pequenas e grandes empresas. Uns morrem cedo, no primor da vida; outros se arrastam, criminosamente, por uma longa existência inútil. Há uma desigualdade fundamental na natureza humana, na condição das coisas. A isto não escapa o mecanismo de crédito. Postular que as empresas nacionais devam ter o mesmo acesso que as empresas estrangeiras ao crédito externo é simplesmente desconhecer as realidades básicas da economia..."

Roberto Campos





Não lutamos pelo poder e sim declaramos guerra ao exército nacional
(desafio que nunca nos perdoaram)

O que nos faz diferentes das organizações políticas existentes não são
as armas e os capuzes, mas a proposta política.

Dizem que ainda há gente que acredita que [na Bolívia] mataram o Che.

subcomandante Marcos



A manera de prólogo: DOM QUIJOTE Y LA MUERTE
(devaneo del flaco hidalgo mientras se está muriendo.)

Estoy muriendo.
Lo sé.
Porque entreabro mis ojos y veo frente a mí la realidad.

Esa enemiga.
Esa perra flaca y gruñidora.
Buenos amigos me fueron los sueños.
Y el más fiel, el delirio.

Sancho, Sancho
en cualquier lugar tú te encuentres ahora no llores esta hora.
Tú ganaste.

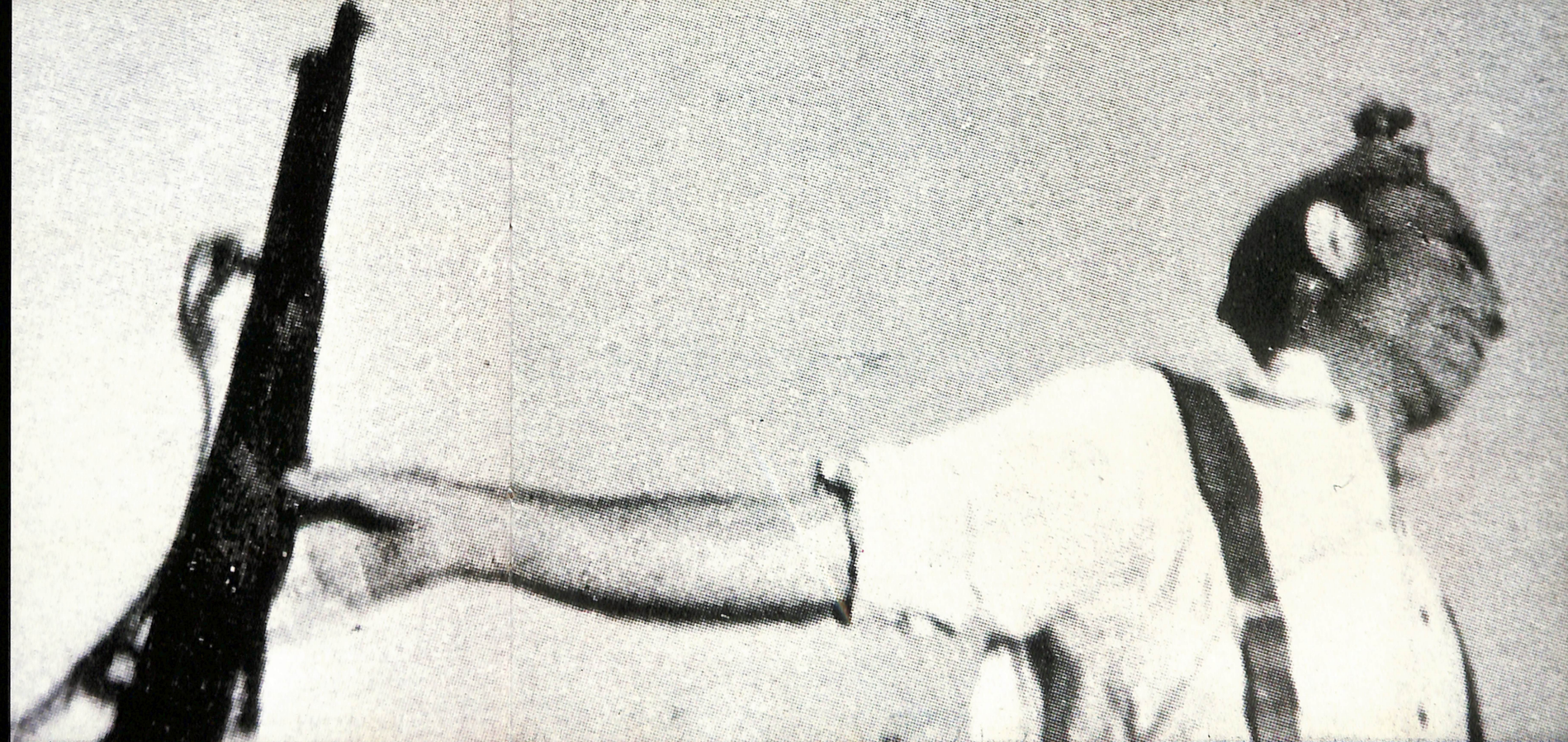
Y cuando tú me decías:
"Son molinos!" Yo lo sabía muy bien.
Pero quería mostrarte no demostrarte,
mostrarte a ti que eras redondo como el mundo,
a ti que eras el mundo, el valor de la metáfora.

Molinos o gigantes,
Brazos o aspas, qué diferencia pasa entre el fulgor de mi ojo
que se extingue y aquella otra estrella,
Dulcinea, muerta ha millones de años
que aún me sigue guiando?

Sancho, Sancho tú eres la verdad, yo la mentira.

Pero cómo, quién, dónde,
se explica que con mi muerte se te va la vida.

Fernando Birri



quanto custa a vergonha

Qualquer um de nós tem amigos que já se arrependeram de investimentos que fizeram. Comprou um apartamento e não saiu como desejava, comprou um carro e veio com defeito, investiu em ações e perdeu dinheiro. Mas, duvido que alguém tenha um amigo que esteja arrependido de ter investido na educação dos filhos. Pode até conhecer quem reclame do filho, que não usou bem a educação que recebeu, mas não se arrepende do que gastou para educá-lo.

Apesar disso, cada vez que se fala em boa educação no Brasil para todas as nossas crianças, ouve-se a pergunta:

- Quanto custa?

Toda vez que surge uma idéia para colocar todas as crianças na escola, os jornalistas e todos perguntam:

- Quanto custa?

Ninguém pergunta quanto custa pagar a dívida aos bancos, o preço das empreiteiras, o salário dos adultos - mas todos perguntam quanto custa colocar as crianças na escola.

E ninguém perguntou quanto custava manter o nível de vendas de automóveis graças a uma redução dos impostos que seus compradores devem pagar. Segundo estimativas citadas, só a redução do IPI dos automóveis vai provocar um sacrifício de quase R$ 70 milhões por mês aos cofres do governo federal. Isso sem contar o sacrifício do ICMS sobre o tesouro dos estados.

Acontece que a elite brasileira, ideologicamente, dá mais valor à produção de automóveis do que à educação de suas crianças. E as forças políticas brasileiras se unem muito mais no interesse de montadoras de automóveis, produtoras de auto-peças, trabalhadores metalúrgicos e classe média compradora de automóvel, do que quando se trata de fazer um esforço para colocar as crianças na escola.

Para se ter uma idéia, com esses R$ 70 milhões mensais, o governo federal poderia financiar a metade do custo da bolsa-escola para aproximadamente 7 milhões de crianças, deixando a outra metade para os estados, que inclusive estão dispostos a sacrificar o ICMS para possibilitar a venda de automóveis. Seria possível dar bolsa-escola para os 4 milhões de crianças que trabalham e ainda sobrariam R$ 30 milhões por mês.

Entretanto, se alguém falar em bolsa-estudo para crianças que trabalham, todos vão perguntar quanto custa e ninguém pergunta quanto custa reduzir impostos de automóveis em um país onde feijão e sapato pagam mais impostos que os automóveis.

Estes absurdos têm explicações, como tem explicação todos os repetidos absurdos da história brasileira. Primeiro porque o governo de qualquer maneira não daria todo esse dinheiro para o bolsa-escola. Se continuasse a recebê-lo, iria preferir pagar os juros dos bancos. Segundo, porque a grande maioria, mesmo fora do governo, pensa apenas econômica-mente e a curto prazo. Pensamos em empregos e salários e não pensamos na educação das nossas crianças. Terceiro, porque os que fazem política no Brasil já fazem parte dos compradores de automóveis ou dos que trabalham na produção de automóveis e, provavelmente, já resolveram o problema da escola de seus filhos.

É por isso que os sindicatos deixam de receber, ou de lutar, para que o emprego da indústria de automóveis se mantenha mudando o perfil do produto. Com o ICMS e o IPI seria possível financiar a compra de ambulâncias, de veículos para a segurança pública e até para levar nossas crianças à escola.

Mas se alguém sugerir isso logo vão perguntar: "Mas, quanto custa o investimento para mudar o perfil do automóvel?".

E assim preferimos continuar empurrando automóveis e crianças em nossas ruas sufocadas pelo trânsito e pela vergonha. Porque ninguém se lembrou de perguntar quanto custa manter o sistema viário que absorve os automóveis, ou quanto custa a vergonha de não absorver nas escolas as nossas crianças.

Cristovam Buarque

Ex-governador do DF, pelo PT.



Minha maior esperança é que se consiga
realizar um dia no mundo o verdadeiro e ainda ignorado Socialismo.
Só então o homem terá o direito de pronunciar a palavra civilização.

Mario de Andrade



Hebert de Souza - Betinho

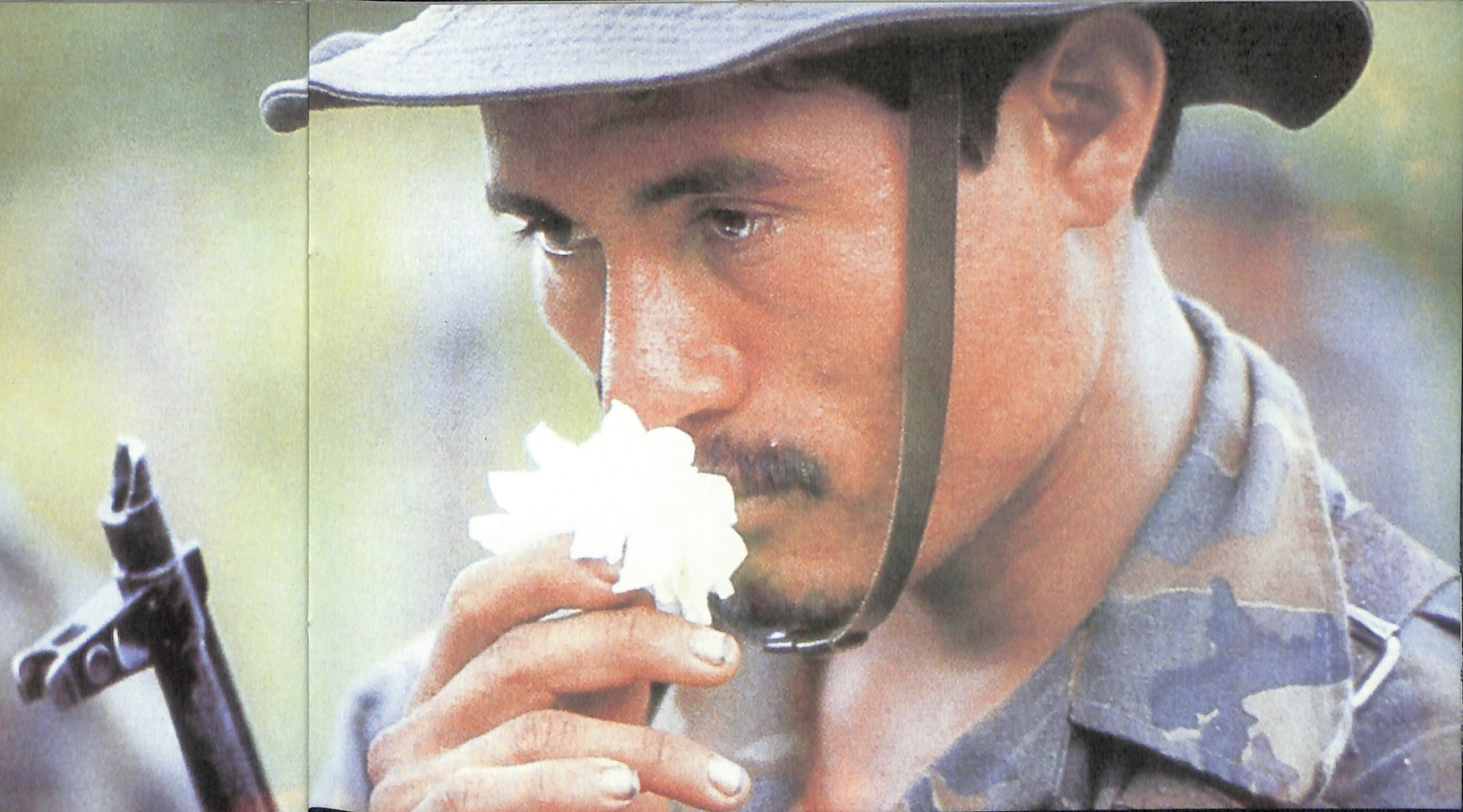




"Aquellos que, politicamente,
quiseram apartar la poesia de la politica,
quiseram amordazarnos,
quiseram apagar el canto, el eterno canto."

"Son enemigos de la poesia cuantos excluyem de ella
la lucha que es también nuestro pan de cada día."

Pablo Neruda





O intelectual pode bem e deverá sempre se pôr a serviço de umas dessas ideologias, duma dessas verdades temporárias. Mas por isso mesmo que é um cultivado, e um ser livre, por mais que minta em proveito da verdade temporária que defende, nada no mundo o impedirá de ver, de recolher e reconhecer a Verdade da miséria do mundo. Da miséria dos homens. O intelectual verdadeiro, por tudo isso sempre há de ser um homem revoltado e um revolucionário, pessimista, cético e cínico: fora da lei.

Mario de Andrade



vou contar-vos outra pequena história

Junto às grandes minas de carvão, que avançam sob o mar,
no Chile, no frio porto de Talcahuano, chegou uma vez,
faz tempo, um cargueiro soviético.

(O Chile não mantinha ainda relações
com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.
Por isso, a polícia estúpida proibiu que os marinheiros russos descessem
e que os chilenos subissem).

Quando a noite chegou vieram aos milhares os mineiros, das grandes minas,
homens, mulheres, meninos, e das colinas,
com suas pequenas lanternas mineiras,
a noite toda fizeram sinais, acendendo e apagando,
para o navio que vinha dos portos soviéticos.

Aquela noite escura teve estrelas:
as estrelas humanas, as lâmpadas do povo.

Pablo Neruda





em cena

andré câmara

aurélio de simoni

daniel souza

juliana prado

luiz fernando lobo

moysés ajhaenblat

tuca moraes

trabalhadores do espetáculo

Direção e dramaturgia	luiz fernando lobo
Cenografia	cláudio moura
Direção musical	caíque botkay / mário ferraro
Iluminação	aurélio de simoni
Figurino	teca fischinski
Direção de produção	tuca moraes
Programação visual	marcos apóstolo / fernando valente / rodrigo mendes
Assistente de direção	mônica prinzac / clarisse toscano
Assistente de cenografia	carolina rimoli
Músicas originais	caíque botkay
Preparação vocal	mário ferraro
Documentário 1 (chile)	sílvio tendler e luiz fernando lobo
Documentário 2 (crianças)	luiz fernando lobo
Divulgação	juliana prado, mônica prinzac e tuca moraes
Administração	joana tolentino / leila moreno
Fotos de divulgação	antônio augusto fontes / philippe ariagno
Assessoria audio-visual	av produções (slides) / instrumental (vídeo)
Auxiliar de direção	joana tolentino / paloma pedrine
Editor dos documentários	marcus vinícius cavalcante
Montagem slides	luiz fernando lobo / daniel souza
Diretor de cena	andré câmara
Equipe de montagem de luz	guiga / andré / júnior / edivaldo / paulo maurício
Serralheiro	ivan albuquerque
Cenotécnico	adílio athos
Consultoria de dramaturgia	otoni araújo
Edição de áudio	josé são paulo



os companheiros dos companheiros

Textos
betinho
che guevara
darcy ribeiro
emir sader
ferreira gullar
garcia lorca
josé saramago
juan garcés
lewis carrol
leonardo boff
luiz fernando lobo
manuel bandeira
subcomandante marcos
pablo neruda
pedro lage
salvador allende

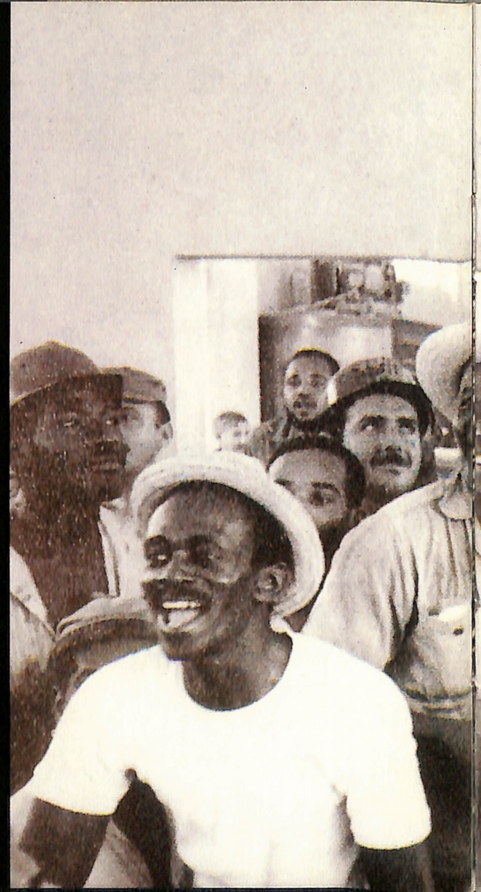
Música seca
paulo freire (autoria e gravação)

Música companheiros
alexandre negreiros (teclados)
alfredo dias gomes (bateria)
andré câmara (letra)
caíque botkay (música e violão)
mário ferraro (teclados)

Música a internacional
queca vieira (violino)
milton guedes (gaita / assovio)

Fotos projetadas
arli pacheco
bia cardoso
cláudio maia
cynthia brito
eny miranda
evandro teixeira
fernando miceli
gianne carvalho
j. r. ripper
juca martins
márcio bredariol
nair benedicto
ricardo azoury
sebastião salgado
thiago cordeiro

Documentários
sílvio tendler/ sandra werneck/ ibase





um exército invisível

"Somos um exército de sonhadores
Por isso, somos invencíveis"
sub-comandante rebelde Marcos

Um verdadeiro exército viabilizou o espetáculo COMPANHEIROS. O projeto ultrapassou as fronteiras da CIA ENSAIO ABERTO.

João Bosco.
Fez um show no Teatro Glauce Rocha e reverteu a bilheteria para a produção do espetáculo.

Aglaia, Antônio Henrique Amaral, Antônio Maia, Bette Kalache, Carlos Scliar, Ferreira Gullar, Gilda Helena, Glauco Rodrigues, João Câmara, João Magalhães, Oscar Niemeyer, Rubens Gershman, Siron Franco, Tereza Miranda.
Estes artistas doaram ao todo 21 obras com as quais organizamos um leilão e a renda foi totalmente revertida para o espetáculo.

Evandro Carneiro.
Doou a sua percentagem de leiloeiro.

Bia Cardoso, Cláudio Maia, Cynthia Brito, Eny Miranda, Evandro Teixeira, Fernando Miceli, Gianne Carvalho, J. R. Ripper, Juca Martins, Márcio Bredariol, Nair Benedicto, Ricardo Azoury e Thiago Cordeiro.
O fotógrafo Ripper abriu seu acervo com mais de 100.000 fotos e foi o contato com este time de fotógrafos que nos possibilitou ter a alta qualidade dos slides exibidos no espetáculo. Reunimos também 30 fotos com as quais faremos uma exposição intitulada "Uma visão da realidade".

Sebastião Salgado e José Saramago.
Através de um contato feito pelo MST, o fotógrafo e escritor, respectivamente, cederam a utilização das fotos e textos do livro TERRA.

Betinho, Che Guevara, Darcy Ribeiro, Emir Sader, Ferreira Gullar, Garcia Lorca, Leonardo Boff, Manuel Bandeira, Pablo Neruda, Pedro Lage, Salvador Allende e o Sub-comandante Marcos.
Cartas, poemas, discursos, textos fazem a colagem da nossa dramaturgia. Os textos que não são documentos receberam a autorização dos autores ou herdeiros que, além de cederem, abriram mão dos direitos autorais.

Paulo Freire.
O músico e escritor cedeu e abriu mão dos direitos autorais da música SECA de seu disco Rio Abaixo.

Alexandre Negreiros (teclados), Alfredo Dias Gomes (bateria), Caíque Botkai (violão), Mário Ferraro (teclados), Milton Guedes (gaita e assovio) e Queca Vieira (violino).
Compareceram com seus talentos musicais para as composições de Caíque Botkai.

Angela Brandão, Carlos Moraes, César Benjamin, Cláudio Leão, Humberto Braga, Isidro (Estudantina), Jasmim Pinho, Lúcia Murat, Luis Eduardo, Luiz Hermes, Lula Rodrigues, Marcelo Carvalho, Marcelo Dantas, Márcio de Souza, Maria Helena Reis, Maria Regina Sales, Mimina Rovedo, Moacir Chaves, Mônica Biel, Paulo Mamede, Pedro Lage, Salvador Pessanha, Sérgio Lastros, Sônia Eva, Stanley Wibbe, Tânia Fusco, Thomás de Aquino, Vítor Gonçalves e Equipe Funarte.
Em vários momentos da criação deste espetáculo estas pessoas participaram de forma decisiva.

Parte da renda do espetáculo COMPANHEIROS é destinada para a Campanha de construção da Escola Florestan Fernandes, escola nacional de formação de liderança do MST.

O espetáculo Companheiros estreou em abril de 1999 no Teatro Glauce Rocha - Rio de Janeiro - Brasil.

Visite nosso site www.ensaioaberto.cjb.net tel.: (21) 268-9277

Apoios:

FUNARTE

Magnetoscópio

CABELO & BELEZA

AV PRODUÇÕES

TRIBO

DRESSA

ADCG STUDIO

Fast GRAPHICS

PREFEITURA DO RIO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
RIOARTE

Promoção
JORNAL DO BRASIL